

IMPrensa UNIVERSITÁRIA DA UFJF

**GRUPO
DIVULGAÇÃO**



**FORUM DA CULTURA
MAIO 21H. JUNHO
QUARTA A DOMINGO**

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS

Grupo Divulgação

apresenta

ERA SEMPRE 1º DE ABRIL

de José Luiz Ribeiro

U. F. J. F.
Forum da Cultura
1990

REMANDO CONTRA A CORRENTE

Maria Lúcia Rocha Ribeiro

Isto é um teatro. Aqui os homens se encontram e democratizam o grau de liberdade de cada um. Aqui os homens vêm discutir a liberdade que já conquistaram, vêm procurar caminhos para ampliá-la. Aqui o que comove é o sonho humano da gratuidade.

Oduvaldo Vianna Filho

Na verdade, cada vez que um pano de boca se abre neste país, cada vez que um refletor se acende, soam trombetas no céu — trata-se de uma vitória da cultura, qualquer seja o espetáculo.

Oduvaldo Vianna Filho

O teatro é uma cidadela de resistência contra todas as máscaras e engodos com que se tenta camuflar os verdadeiros contornos da realidade. Sua bandeira transcende o ofuscante brilho dos números e das técnicas para reclamar por uma luz humana que coloque o homem no centro das preocupações. Mas nem sempre faz isto com o tom pesado dos discursos sérios. Pelo contrário, quando mais escorregadio se torna o solo que o sustenta, mais descobre potenciais acrobáticos para retirar da garganta o grito de dor e desesperança para transformá-lo numa explosão de riso, capaz de fornecer o alívio e o relaxamento necessários para que o fôlego seja recuperado e os olhos passem a enxergar melhor depois que os faróis das certezas simplistas o cegaram momentaneamente.

Assim, quanto mais o discurso dos governantes se torna categórico e se esquece da humanidade, mais ele recorre às formas estéticas mobilizadoras, hábeis em trazer à tona as contradições mal resolvidas. Esta não é apenas uma tendência ou um hábito. É um compromisso e uma missão histórica e artística de uma arte que é dita espelho do real.

Nesses tempos estatisticamente eufóricos, mas onde a lágrima, o desespero e os valores éticos são esquecidos e descuidados; quando o homem vê-se no limiar de um novo século, a obra de arte teatral não poderia adotar outra estratégia senão a da recusa ao nivelamento dos discursos literais. Por isso, recorre ao espírito lúdico, capaz de fazer do espectador seu cúmplice e convocá-lo para uma participação direta e viva no espetáculo.

E uma das táticas que usa para conquistar esta integração é o jogo paródico. Na paródia, todas as estruturas viciadas são jogadas por terra, através de um abalo desmistificador que consiste em desfocar as peças que compõem os alicerces das certezas por demais evidentes. Assim, obras de arte, fatos do cotidiano, eventos históricos, personalidades, declarações ou convicções são retiradas de seu contexto natural para, a par-

tir de um novo universo de articulação, deixar a nu todas as falsidades antes camufladas cuidadosamente. E sob esta nova luz o espectador é capaz de conquistar o distanciamento necessário para que possa julgá-los, avaliá-los e, então, livremente, escolher os seus valores.

Mas todo esse mecanismo, aparentemente complexo, se apresenta sob a forma divertida do deboche que, por sua vez, atua, também como escudo desmistificador que impede o sistema de retomar os controles que antes impediam a consciência de perceber os desvios em que se perdia.

Por isso a sátira, a farsa rasgada ou a comédia não são apenas oásis em que o humor se retempera quando a realidade parece adversa. Mais do que isso são formas estéticas que auxiliam o teatro na difícil tarefa de recompor as forças racionais do homem para que ele possa, enfim, retomar as rédeas da história e exercer sua função de construtor da sociedade, readquirindo sua dignidade ameaçada.

Como forma decorrente da ironia, a paródia também conserva fidelidade com o duplo percurso irônico. Assim, oferece ao espectador dois níveis de decifração: numa primeira camada, requisita-o a desvendar o excitante quebra-cabeças das citações, das alusões, do reconhecimento das figuras parodiadas; num segundo nível, então, desmistifica o primeiro, retoma o sentido e condena, definitivamente, o antigo conteúdo para instalar o seu oposto.

Entretanto, não faz isso como uma forma de engano, mas como um pacto lúdico estabelecido com o espectador, ele, sim, o verdadeiro manipulador dos cordéis que sustentam o sentido. O espectador deixa de ser apenas aquele que contempla e, ao exercitar a tarefa de dar sentido ao jogo adquire, ele também, a experiência do espetáculo. Com ele, vem a consciência da denúncia, não de maneira agressiva e autoritária, mas com a liberdade de acolher, positiva ou negativamente, o sentido que lhe é oferecido. E, sobretudo, qualquer que seja sua opção, ela só será feita após uma experiência relaxante e criativa de divertir-se, enquanto pensa a sociedade, os homens que a governam e os que são governados.

O caráter fundamentalmente ético do discurso irônico e paródico não se constrói literalmente, como acontece, normalmente, na comédia. Ele é resultante do próprio compromisso democrático da ironia que dá ao espectador a possibilidade de escolher livremente e com isto impregna de democracia o próprio discurso do texto. Seu senso de justiça está no ato de expor-se ao ridículo, uma vez que, ao ridicularizar, está fornecendo as armas para que possa, ele também, ser o alvo próximo. Isso faz da obra um espaço supremo de justiça e, ao mesmo tempo, convoca quem dela participa a exigir que seja pago na mesma moeda. Assim, o jogo paródico em **Era sempre primeiro de abril** convoca o espectador a pensar o percurso do país e a exigir que sua cidadania e sua humanidade sejam o centro das atenções daqueles que se dizem seus líderes.

RINDO DE MANEIRA SÉRIA

José Luiz Ribeiro

Junte um pouco de gente, poste-se diante da realidade, acrescente um pouco de reflexão, coloque música, gestos, trabalho, muito trabalho e emoção e está aí a receita para se fazer um pouco de teatro. Depois coloque um pouco de ironia, deboche, brincadeira e muita indignação e está aí a receita básica de **Era sempre 1º de abril**.

A arte tem a qualidade de filtrar a realidade, matizá-la e radiografar cada momento social. O teatro tem a função de escancarar, aos olhos do espectador, o abscesso vivo da sociedade. Sempre que a decadência impera em cada civilização é hora da ironia, do chiste e do deboche chegar para pôr juízo na cabeça dos governantes.

O teatro popular tem, ainda, a qualidade de desmistificar a impostura, mostrar o engano e escancarar o entedimento da mentira. Durante séculos a comédia deu trabalho a governantes impostores, mostrou a fragilidade de sistemas e obrigou, a cada passo, o poder discriminador a calar vozes com sutis ou truculentas formas de censura.

A arte, neste momento, dentro das manifestações culturais, recebe mais uma dose mortífera do veneno da imobilização. A história recente do Brasil tem mostrado como a cultura é tratada de forma massacrante e de sua luta para tentar sobreviver.

Alexandre Ribondi, em lúcido artigo diz: "Mas é grave, muito grave, acreditar que em um país de miseráveis, como é o caso do Brasil, é necessário interromper a produção cultural para que a situação econômica se estabilize". . . . "Afim, a cultura é o fio que alinhava um país inteiro – e aí poderemos, também, entender a inflação, a corrupção, o abandono da população, a fome, o êxodo rural, o latifúndio, o pecaminoso Congresso Nacional, os votos dados sem consciência, os sindicatos enfraquecidos, os trabalhadores explorados, sob a ótica da cultura de uma nação burra, indolente e subdesenvolvida".

Diante de um momento tão drástico para a vida nacional, o teatro não pode ficar calado e, assim, mais uma vez, surge dentro do Grupo Divulgação a oportunidade de brincar em cima de toda esta loucura que surge no fim do século com cores apocalípticas.

Era sempre 1º de abril é um pastiche dramático de natureza farsesca onírica utilizando o procedimento da colagem paródica consonante com a fascécia aristotélica, ou ainda, uma grande bobagem trans-trans e pós-pós. Utilizando a antropofagia oswaldiana iniciamos a deglutição de nossas mazelas a partir de um ritual sociocultural.

Assim, os personagens nascem de Olímpos mágicos, passeiam por ilhas paradisíacas e colam novos significados em velhos arquétipos. Não tente entender à luz da lógica racional mas note que tudo tem sua razão de ser como na lógica do sonho. Alguém precisa iniciar uma cruzada em defesa da cultura, do sonho e nós vamos continuar a tentar isso. O riso é nossa arma porque ele destrói o temor e sem o temor podemos chegar mais perto da verdade.

A ritualística antropofágica vai-nos permitir citar, para que se descubram novas produções de sentido. Para que se proceda ao ato demolidor que obriga o espectador a reconhecer, através do riso, as diversas faces daquilo que destrói a cidadania e adocece este país a cada nova campanha política.

Queremos mostrar as estruturas abaladas de velhas bandeiras rotas e, aparentemente, costuradas. O teatro tem que dizer que o homem existe como uma realidade viva de carne sangrenta e palpitante. Que o povo não é uma numérica abstração mítica. Que o emprego negado a um trabalhador representa miséria e fome. Não se pode prometer que a classe operária vai chegar ao paraíso à custa de sua própria vida.

Gabeira nos diz: "O pensamento economicista não se limita a reduzir as pessoas às suas funções fisiológicas, no sentido de que elas precisam é de comer e todo o resto é secundário. O pensamento economicista, como o revolucionário num certo momento, quer colonizar todas as outras formas de opressão do real" . . . "Cultura", nos diz Ribondi, "é a forma de que dispomos para discutir a vida e as condições que temos para vivê-la".

Assim este texto nasceu, mais uma vez do suor do trabalho e da indignação frente a um governo tutelar que não nos permite traçar e tomar nossos caminhos. Nossa arma é o riso que liberta o grito, abate a tensão e nos prepara para o novo anoitecer cheio de incertezas e combates. Assim, do assassinato explícito e da necessidade de esconder um crime para fugir ao justicamento, o espetáculo mostra uma narrativa folhetinesca, com trechos operísticos que resgatam as mais diversas e delicadas formas de tortura.

Todas autoritárias e tão bem divulgadas que chegam a achar que é isso mesmo que deveria ter acontecido. Este povo sofrido já doou ouro para o bem da nação, já perdeu salário, já alimentou e alimenta o leão, e agora vê a violência explodir em assassinatos e não entende o que é justiça social e violação da cidadania.

Esta peça é sobre a construção da mentira. Como a impostura da Peste, em "O estado de sítio", tudo se camufla como forma de bem comum. E o homem se transforma em número e o número é apagado com borracha das estatísticas sofisticadas ou nas teclas de um computador. Esta é uma peça de momento, mas é também um sinal de necessidade. Mesmo que tudo se modifique, que a inflação morra, que o presidente reine e o sol volte a brilhar sobre o campo coberto de sangue dos heróis sacrificados ficará dentro de mim, mais uma vez, o sentimento de uma geração que teve sua cidadania violentada pelas botas dos militares, pela malha da burocracia e agora pela ditadura dos economistas mestres e doutores que se abstraem da dor humana para conseguir resultados de orgasmos técnicos.

Resta uma certeza no momento de revolta: "A cultura, ao contrário das revoluções e do populismo, tem a grande vantagem de não precisar de multidões e de passeatas para alterar a História e a compreensão que alguns homens têm da realidade. Até mais; a cultura é quem melhor compreende as tragédias" e a comédia é a que desmistifica tiranos, liquida impérios e mostra que os ídolos de ouro podem ter os pés de barro.

TRAÇANDO TRAMA E TRILHA

Nilma Raquel

Na celebração do teatro, a arte que congrega todas as outras artes, a música-cântico vai unir o sacerdócio dos atores aos fiéis-espectadores no templo-espetáculo. Tradição e novidade, letra e música, música sem letra, violoncelos ou atabaques, cada qual repleto de significados, povoam oniricamente o mundo do palco que, sem eles, seria somente o gesto sem toque, o abraço que não envolve, a letra sem música.

"Era sempre primeiro de abril" representa no palco e na sua trilha sonora, de paródia em paródia, através de suas citações, a miscelânea cultural de um povo latino formado sob o "Luar do Sertão", mas que sonha em ser anglo-saxão, dançar no "Cabaret", elegendo Indiana Jones, o herói que sai da Alvorada do Olimpo, mas só vai para o "colo da Dinda" depois de entorpecer seus fãs num fenomenal passeio de submarino, sem perder o chapéu.

Faças à parte, a cultura brasileira sempre adaptou com maestria as heranças recebidas de outros países. Do cantador nordestino ao teatro de revista, o espetáculo musical brasileiro mistura "coisa nossa" e "importados" numa tradição que se estende desde o começo do século, com críticas mordazes amenizadas através de melodias aparentemente ingênuas, de paródias e citações, engambelando burras censuras com pretensão de amordaçar o explícito.

O espetáculo do Grupo Divulgação resgata toda esta tradição do país através de suas músicas, que têm o poder de captar significados que possivelmente seus autores não imaginassem possuir ainda quase dois séculos depois, como é o caso de algumas composições. Do popular brasileiro ao que para nós, hoje, é erudito, o musical nos revela a polivalência inimaginável de determinadas partituras.

O conhecimento do contexto em que certas músicas utilizadas na sonoplastia de **Era sempre primeiro de abril** foram compostas e uma atenção redobrada sobre elas enriquece imensamente o conjunto de significados que o espetáculo nos passa. A sutileza de certas citações, de pequenos inserts pode passar despercebida para um "ouvinte" mais deslumbrado com a riqueza e a sedução da imagem.

Ao mesmo tempo em que nivela emoções entre palco e platéia, numa troca onde ninguém dá mais, esta trilha tem a função brechtiana de nos fazer notar algo além do usual, que é o simples riso da utilização, à primeira vista, de músicas que não cabem em determinadas situações e o aspecto estranho que elas adquirem. Mas nós só rimos dos outros e o ridículo, antes mesmo de nos darmos conta, somos nós.

A música nacional, sobretudo a música sertaneja, de inegável fama, mas objeto de escárnio, presente na trilha com "Luar do Sertão" e "Majestade, o sabiá" é o melhor exemplo da negação do nosso, através do riso. Somos muito "raffinés" para gostar de tal manifestação popular, que no entanto é a cara de quem não "mostra a sua cara".

A grandiosidade de musicais de sonho como "Cabaret", "My Fair Lady" e "Noviça Rebelde", mais atraente pela nossa fascinação pelo glamoroso são tocados pela parodização da trilha, transformando sonho em cruel realidade. O riso esboçado se contém, na infeliz constatação de que, apesar de negarmos que a quarta parede se transmutou em espelho, "todos nós precisamos de ajuda, coitados".

A certeza aumenta quando a paródia é de famosas óperas, dos italianos Verdi e Donizetti, dos franceses Ravel e Bizet e do alemão Offenbach. À primeira vista meros "pães-de-ló de festa" reunidos num mesmo espetáculo, estas peças desvendam sentidos cheios de força. A mentira, a verdade e a decadência de um país são personificadas em "La Traviatta". Ao coro dos oprimidos se junta o coro dos escravos hebreus da "Va Pensiero". Mas o pensamento deixa de voar nas asas douradas para dançar um "Bolero" alquebrado pela decepção.

E, assim, do riso solto à negação do auto-retrato, **Era sempre primeiro de abril** trança trama e trilha com sentidos que se complementam e contribuem para dar toda a força dissimulada através de uma grande gargalhada sonora que se mistura aos sons que ouvimos e nos emocionam e àqueles que evocamos.

Por isso, mais do que simples palavras, **Era sempre** . . . é uma viagem de sons ancorados em vários portos pela imagem, que fazem dele um espetáculo, antes de tudo, para ser escutado, e com atenção.

PROFISSÃO DE FÉ

Marise Mendes

1966. Nascia o Grupo Divulgação, da vontade de alguns universitários que se reuniam na antiga Faculdade de Filosofia e Letras onde estudavam a arte dramática.

Mas da teoria veio a ânsia da prática e os integrantes do grupo partiram para a elaboração de espetáculos, tendo o primeiro deles estreado no dia 7 de julho de 1966.

Desde então, o Divulgação realiza um projeto reconhecido nacionalmente em nível de teatro amador feito com o rigor do profissional. E a participação em Festivais Nacionais, com a conquista de vários prêmios torna esse reconhecimento mais evidente.

Nestes vinte e quatro anos de existência, sendo dezoito deles vividos no Forum da Cultura, o Grupo Divulgação vem desenvolvendo um trabalho sistemático, sempre voltado para a comunidade, através de cursos, seminários, exposições, três temporadas por ano, revistas-programa, jornais e outras tantas atividades.

Impossível não se orgulhar do projeto "O Povo vai ao Teatro", realizado junto à periferia de Juiz de Fora, atingindo atualmente quarenta e cinco bairros e trinta e cinco escolas. Para nós é muito importante que pessoas não acostumadas a espetáculos teatrais venham ao Forum da Cultura e depois debatam conosco as suas realidades.

Com bastante rotatividade, o Divulgação é formado por professores, estudantes universitários e outras pessoas da comunidade que, além de comungarem o ideal do teatro, aprendem a conviver em grupo, dividindo experiências. E se transforma em uma escola de teatro e de vida.

Durante a produção dos espetáculos, onde realizamos oficinas de figurino, cenário, adereço, iluminação e sonoplastia, passamos finais de semana e feriados inteiros trabalhando. Será que somos masoquistas? Não, nestes momentos somos uma verdadeira família.

Há quatro anos fazendo parte dessa família, já sou da ala dos veteranos, todos viciados nessa "cachaça" que é o Divulgação, onde somos, mais do que atores, elementos de grupo.

E foi assim que, em 1986, meu primeiro ano no grupo, fui a iluminadora de "A Noite dos Duendes" e "Grito Mudo", ambos textos de José Luiz Ribeiro. Apesar da vontade enorme de estar no palco, era na técnica

que precisavam de mim. E eu cresci muito operando a luz, pois tinha oportunidade de assistir ao espetáculo e aprender com isso.

No segundo semestre de 1988 voltei a fazer iluminação, após ter feito palco em duas peças infantis e três para adultos. Ao lado da Márcia Fabellla, amiga de sempre, que fazia sonoplastia, fui iluminadora de "O Mercador de Veneza", de William Shakespeare, já com maturidade maior para perceber erros e acertos do palco.

Mas 1989 chegou, e com ele, um monstinho muito lindo, doce e meigo, o Arxepele, personagem da peça "Passa, Passa Assombração", de José Luiz Ribeiro. Debaixo de toda minha timidez, consegui me soltar dentro de um boneco em que eu não aparecia. Era uma delícia fazer um personagem meio vilão, sempre mandado pela Rainha Doida, a grande amiga Renata Pessoa.

No final da peça, como acontece em todos os nossos espetáculos infantis, as crianças subiam ao palco e brincavam com a gente. E como era gostoso receber biscoitos, balas e chocolates das crianças que queriam conhecer aquele monstro gorducho. Todo o elenco morria de inveja.

O trabalho com o Arxepele me ajudou muito na Vendedora de Santinhos na peça "O Santo Milagroso", de Lauro César Muniz, em que eu descia na platéia e representava com o público. Depois, "Rasto Atrás", de Jorge Andrade, e a personagem Isolina, vivendo no palco da sua juventude à sua velhice. E a descoberta da amiga, agora também irmã, Cristina Coury.

1990. Vivemos um momento em que nunca foi tão claro o choque verdade X mentira. Como o nosso compromisso é retratar o real, escolhemos o texto infantil "Dom Chicote", de Oscar von Pfful, onde buscamos mostrar os dois lados às crianças.

"Era sempre 1º de abril" também trabalha com o tema. E mais uma vez José Luiz Ribeiro recorre à sua dramaturgia de emergência, proporcionando ao grupo e à comunidade um trabalho mais ligado às suas realidades.

A saída recente de grandes amigos deixa um vazio que só consegue ser preenchido por este trabalho que realizamos com tanta paixão. Pois, como definiu José Luiz, "fizemos do teatro uma religião, uma fé, um compromisso neurótico, excessivo, mas extremamente sincero e propulsor".



DO MAQUIAVELISMO DA SITUAÇÃO OU QUANDO A VIDA NOS OBRIGA A BRINCAR DE CONTENTE

Cláudia Gonçalves Moysés

"Aquele que engana encontrará também quem o engane".

Nicolau Maquiavel

Será que o ser humano até o final de sua existência precisará de príncipes, monarcas, presidentes, do "alguém mais forte", para conduzir o seu destino? Será que somos tão imperfeitos que não conseguiremos chegar a um nível de consciência, respeito, liberdade capazes de conduzir nossas vidas, a História sem mais opressão, mentiras, golpes e revoluções sangrentas? Seremos sempre as rãs vazias do Esopo à procura de um rei ou algo semelhante para exercer sobre nós a coerção? O futuro não nos pertence. E, por enquanto, resta-nos o desejo ainda que escondido no fundo d'alma.

Reportemo-nos para o presente. Especificamente para o nosso país, onde acabamos de sair de uma eleição sofrida para eleger um governante pelos punhos de quase 50 milhões, através do voto direto. Finda a euforia das campanhas, depois de uma abstinência de 24 anos sombrios de ditadura, sobrou-nos a esperança de um collorido forçado. Esperávamos desaperçar os nós que nos foram impostos durante anos a fio, e acabamos por entrar em uma recessão militaresca. Elegemos Fernando Collor de Mello e já se fala em saudade do general Figueiredo e do serviente "marimbondo de fogo", presidente José Sarney.

Segundo o grande pensador do Século XVI, Nicolau Maquiavel, em sua obra "O Príncipe", o povo escolhe um soberano para não ser oprimido. Mas, não é o que os fatos atestam. Empossado no dia 15 de novembro de 1989, nosso mais novo presidente roubou-nos a Lua e nos tirou a voz da garganta. Fechou os bancos, parou a nação, atacando a "coluna vertebral" de um país supostamente capitalista, o setor econômico. Sem pedir permissão, ele violou as contas bancárias, apossando-se do dinheiro de aposentados e trabalhadores, ou seja, da classe média tão massacrada. Misturou o joio com o trigo no mesmo saco. Milionários e assalariados foram tratados da mesma forma no seu plano econômico.

"A origem do poder se encontra na força", escreveu Maquiavel. E Collor soube muito bem usar esse princípio, impondo suas vontades apoiado na força da imagem. De "caçador de marajás", no governo de Ala-

goas, a presidente do Brasil foi uma trajetória bem planejada, indubitavelmente, sustentada pelos olhos dos donos do poder — a televisão. A imagem que se dissolve e aparece em nossas casas pelo “ar que voluteia na amplitude e alarga sempre mais no alvoroço das descobertas, libertário de plena audácia”, aprisiona os homens feito Prometeus acorrentados ao Cáucaso, em suas estruturas plástico-metálicas.

A TV paira sobre nossas cabeças. Intervém na realidade, confundindo o mundo da fantasia e do real. A televisão são os olhos do poder. Poder que ergue e desmorona candidatos, reis, príncipes . . . Assistimos a ela e somos assistidos por ela. Todo o ato de ver e atuar está sob os seus domínios. Valendo-se desse princípio, Fernando Collor, fez-nos crer que ele seria o presidente ideal, o cavaleiro da esperança, o salvador da pátria. Faria da justiça sua clava forte e governaria ao lado do povo. “Devido à inconstância do povo é fácil persuadi-lo”, pensava Maquiavel. E ele nem sabia que isso era ainda mais fácil através da TV.

“O Príncipe não necessita possuir todas as qualidades enumeradas, mas é indispensável que pareça tê-las”, escreveu em seu livro. E a TV convenceu quase 50 milhões de que Collor seria capaz de moralizar esse país. Nosso presidente é a força jovem, um grande atleta, um homem culto que dispensa intérpretes nas visitas internacionais, alguém que ruge e impõe. O presidente deve ser “raposa e leão ao mesmo tempo”. Astucioso e forte. Não foi por acaso que elegemos um leonino, designio das conjunturas astrais, talvez.

Em outro capítulo do seu aclamado livro, Maquiavel argumenta que “as perversidades devem ser feitas todas ao mesmo tempo, porque durando pouco, ofendem menos e os benefícios devem ser concedidos aos poucos para serem saboreados melhor”. Collor seguiu à risca. Cercou por todos os lados e lançou mão de todas as “armas” apontando-as a esmo. As primeiras medidas foram tão drásticas, espalhando perplexidade, que fizeram aposentados e assalariados aceitar as migalhas de suas pequenas concessões. “Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir, Deus lhe pague”, cantou há muito Chico Buarque.

Mas deixemos de lado os pensamentos de Maquiavel e passemos para o lado poético e tragicômico do momento. A cada dia, nos perguntamos se mais um dia se esvaziou ou encheu? Sorrisos inseguros, de obrigação estão pregados nos rostos. Já não há mais força para a contestação nesse emaranhado de mentiras contadas. Lágrimas, muitas lágrimas poderiam ser choradas, e talvez tenham sido. Mas o tempo voa ou adia os acontecimentos trazendo a conformação. Somos engrenagens responsáveis que movem cada governo erguido e prostituído. E assim devemos

cumprir em movimentos imemoriais a dialética da vida: sorrir na destruição, chorar na alegria, brincar de roda com a barriga vazia. “Navegar é preciso, viver não é preciso” já dizia um outro Fernando, o Pessoa. Perdidos estamos todos pelos mesmos barcos da vida, no impasse das mesmas esquinas. E agora, povo brasileiro, o que faremos? Nosso Brasil de hoje suprimiu a alegria, os sonhos, e a maioria dos brasileiros está com a vida hipotecada. À espera. Mas, segundo Cacá Diegues, “Dias melhores virão”.

Astrologicamente falando, nosso povo não é o único a estar atravessando “regiões infernais”. A situação é geral, coletiva e particular. Todo esse caos é porque Plutão está na sua casa, ou seja, está em escorpião, signo da morte e da ressurreição. E isso lhe dá o direito de infernizar todo mundo, afinal ele é o deus dos infernos. Mergulhados nesse Tártaro, agora é ter disciplina e parcimônia. Deixar passar a fúria desse deus de aparência rude, hábitos duros e cruéis que veio com sua foice, ceifando o que vê pela frente. Mas não são nas quedas que as águas se tornam mais fortes? E de onde tiramos energia? Afinal depois das tempestades vem a calmaria e o sol é mais bonito.

Mais uma vez é preciso ter paciência para aprender com os erros e acertos. Aprendemos tanto com Getúlio, Juscelino, Goulart, Figueiredo, Sarney dentre tantos outros. E agora é a vez do Fernando, o Collor de Mello. Às vezes parecemos remando contra a corrente, outras deixando que ela nos leve. Nossos sonhos e lembranças nunca morrem, porque a esperança é sempre a última a sair dos palcos.

Acendam as luzes contra as sombras desse tempo de dor, porque entre atos e cenas representamos e vamos continuar representando acertos e desacertos. Ora vai imperar o aplauso, ora o silêncio constrangedor. E cada gesto continuará buscando o reconhecimento nos ecos da platéia. O espetáculo não pára, a roda é viva. Seja num eterno carnaval ou num cabaré, o show a cada momento se transforma, renasce, perpetuando-nos. Amém.

“A Revolução Industrial foi feita sem a semana inglesa, sem as leis trabalhistas, sem a aposentadoria e com o massacre sistemático dos trabalhadores”.

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS

GRUPO DIVULGAÇÃO

apresenta

ERA SEMPRE 1º DE ABRIL

de José Luiz Ribeiro

Rãs de Esopo	Luciana Vaz de Mello, Marise Mendes e Sandra Bastos
Entregador	Augusto França
Rambo	Cursi Jr.
Povo Falido	Aleyse Gramigna, Augusto França, Célia Larcher, Cláudia Saunders, Ernane Rabelo, Fátima Amorim, Flávio Mattos, Giovana Agostinho, Luiz Roberto Venâncio, Márcio Gomes, Patrícia Biagi e Zilene Lacerda
Razão	Flávio Mattos
Bonecas	Luciana Vaz de Mello e Sandra Bastos
Mulher	Marise Mendes
Bonifácio	José Luiz Ribeiro
Luz Divina	Aleyse Gramigna
Homens e Mulheres na Taverna	Célia Larcher, Cláudia Saunders, Ernane Rabelo, Fátima Amorim, Flávio Mattos, Giovana Agostinho, Luciana Vaz de Mello, Márcio Gomes, Patrícia Biagi, Sandra Bastos e Zilene Lacerda
Violonista	Augusto França
Taverneiro	Luiz Roberto Venâncio
Ferrando de Além Quer	Cursi Jr.
Camponeses	Augusto França, Célia Larcher, Cláudia Saunders, Ernane Rabelo, Flávio Mattos, Giovana Agostinho, Luciana Vaz de Mello, Márcio Gomes, Marise Mendes, Patrícia Biagi e Sandra Bastos

Oleiros

Mercúrio

Ilhéus

Ariel

Madame Gros Zélia

Imaculada

Cabos Eleitorais

Coristinas

Rosa Ana My Fair Lady

Repórter

Velha

Marcão

Izildinha, Ferinha da Penha

Samuel Freesz

Dona Mamãe

Equipe de Apoio

Figurinos

Iluminação

Sonoplastia

Texto, Trilha e Direção

Fátima Amorim, Luiz Roberto Venâncio e Zilene Lacerda

Flávio Mattos

Célia Larcher, Cláudia Saunders, Ernane Rabelo, Fátima Amorim, Giovana Agostinho, Luiz Roberto Venâncio, Márcio Gomes, Marise Mendes, Patrícia Biagi, Sandra Bastos e Zilene Lacerda

Augusto França

Aleyse Gramigna

Luciana Vaz de Mello

Augusto França, Célia Larcher, Cláudia Saunders, Ernane Rabelo, Fátima Amorim, Giovana Agostinho, Luiz Roberto Venâncio, Luciana Vaz de Mello, Márcio Gomes, Marise Mendes, Patrícia Biagi, Sandra Bastos e Zilene Lacerda

Cláudia Saunders, Fátima Amorim, Giovana Agostinho e Patrícia Biagi

Luciana Vaz de Mello

Marise Mendes

Sandra Bastos

Ernane Rabelo

Célia Larcher

Márcio Gomes

Marise Mendes

Ângelo Moraes, Cybeli Ribeiro Amado, Elisa Carneiro e Pedro Chicri

Malu Ribeiro

Márcia Falabella e Guy Schmidt

Sirlene Magalhães

José Luiz Ribeiro

GRUPO DIVULGAÇÃO

trabalhos apresentados

espetáculos antológicos:

amor em verso e canção
o homem do século XX
antologia da mulher

apresentação didática:

morte e vida severina, de joão cabral de mello neto
coral universitário
belmiro, murilo, pedro nava
camões
a menina casadoira, de ionesco
pic-nic no front, de arrabal
sganarello, de molière
lição de molière, de josé luiz ribeiro
a farsa do mestre pathelin, anônimo medieval
manuel bandeira, do brasil, de malu ribeiro

departamento de teatro infantil:

a onça de asas
circo de bonecos
estória de lenços e ventos
nem tudo está azul no país azul
guairaká
o embarque de noé
d. baratinha
a gema do ovo da ema
a colcha do gigante
girassinho
putz, a menina que buscava o sol
a noite dos duendes
bem do seu tamanho
sonho pirata
passa, passa assombração
d. chicote mula manca

walmir ayala
oscar von pfuhl
ilo krugli
gabriela rabelo
josé luiz ribeiro
maria clara machado
josé luiz ribeiro
sylvia orthoff
zuleika mello
josé luiz ribeiro
maria helena kühner
josé luiz ribeiro
ana maria machado
liliana neves
josé luiz ribeiro
oscar von pfuhl

Outros espetáculos:

cancioneiro de lampião
o urso
bodas de sangue
electra
diário de um louco
pequenos burgueses
a visita da velha senhora
escola de mulheres
escurial
romanceiro da inconfidência
maria stuart
a morta
o patinho torto
yerma
seis personagens a procura de um autor
as criadas
arlequim servidor de dois amos
calígula
guerra mais ou menos santa
pedreira das almas
só o faraó tem alma
o beijo no asfalto
mais que papel seu bacharel!
o estado de sítio
boca do inferno
a mandrágora
o rei da vela
como se fazia um deputado
dr. getúlio, sua vida e sua glória
o jardim de cerejeiras
esta noite se improvisa
o inspetor geral
fausto
girança
a casa de bernarda alba
grito mudo
as aventuras do tio patinhas
a aurora de minha vida
canga
o mercador de veneza
o santo milagroso
rastros atrás
era sempre 1.º de abril

nertan macêdo
anton tchekhov
federico garcía lorca
sófocles
nicolai gogol
máximo górkí
friedrich durrenmann
molière
michel de ghelderode
cecília meireles
friedrich von schiller
oswald de andrade
coelho netto
federico garcía lorca
luigi pirandello
jean genet
carlo goldoni
albert camus
mario brasini
jorge andrade
silveira sampaio
nêlson rodrigues
josé luiz ribeiro
albert camus
marcus vinícius
maquiavel
oswald de adnade
franço junior
dias gomes e ferreira gullar
anton tchekhov
luigi pirandello
nicolai gogol
johann wolfgang von goethe
josé luiz ribeiro
federico garcía lorca
josé luiz ribeiro
augusto boal
naum alves de souza
josé luiz ribeiro
william shakespeare
lauro César muniz
jorge andrade
josé luiz ribeiro

AGRADECIMENTOS:

Prof. José Passini

Magnífico Reitor no exercício da Reitoria

Prof. Alonso Augusto Moreira Filho

DD. Pró-Reitor de Assuntos Comunitários

Solange Brandão

Supervisora do Forum da Cultura

Funcionários do Forum da Cultura

Funcionários da Imprensa Universitária

Aos profissionais dos Meios de Comunicação que
acreditam que:

"Mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro".

García Lorca

